

O CÓDIGO DOS BUDAS

Fernando Carlos Chamas

RESUMO: Algumas esculturas budistas possuem letras sânscritas inscritas em seus corpos. Estas marcas enigmáticas são partes da obra-prima e revelam um diálogo muito antigo entre as linguagens artística e ideográfica.

Palavras-chave: sânscrito/japonês, *shuji*, escultura budista, Japão.

ABSTRACT: Some Buddhist sculptures have Sanskrit letters engraved in their bodies. These enigmatic marks take part in masterpiece and disclose a very ancient dialogue between the artistic and ideographical languages.

Key words: Sanskrit/Japanese, *shuji*, Buddhist sculpture, Japan

De todas as características padronizadas da escultura budista, a letra sânscrita adquiriu o poder de simbolizar os Budas e seus votos. Apenas a letra, por si, constrói a imagem ou o ideal espiritual na alma do discípulo. Por exemplo, em alguns pedestais de lótus de estátuas budistas há um disco com inscrições em sânscrito com dois preceitos místicos: o menor ao centro e o principal ao redor. Um pedestal igual, mas menor, também pode estar dentro da imagem. Quando um devoto fica de pé em frente à estátua e recita tais palavras, diz-se que elas são transportadas para o pedestal e as palavras deste também transferidas para dentro do crente.

Se o budismo é responsável pela transmissão do sânscrito, devemos considerar três fases dessa transmissão: um pré-Buda, um da época de Buda, e do pós-Buda. Respectivamente, o primeiro está relacionado com as civilizações indo-arianas. O segundo, ao conflito budismo X bramanismo e confucionismo, e o terceiro, com o conhecimento das civilizações por onde o budismo passou, sobretudo no continente asiático e Japão, que nesse ritmo recebeu um budismo enriquecido por cerca de mil anos.

O conhecimento pré-Buda

Começemos por um dos mais misteriosos começos, os primeiros grandes ramos lingüísticos de um povo de origem indo-européia (possivelmente das estepes da Ásia central ou sul da Rússia). Um deles é o ramo indo-ariano¹ que compreende dois grupos, o da Índia e do Irã, e falavam a “linguagem dos deuses” (*devabhasa*). Os arianos introduziram o bramanismo e está fundamentado no *Rig Veda* (início da tradição védica), o mais antigo dos quatro *Vedas*², que menciona os mais antigos e complexos conceitos cosmogônicos e teológicos. Por exemplo, o deus Indra (jap. Taishakuten, 帝釈天) e uma coleção de hinos de louvor aos deuses que contém os ensinamentos do *Dharma* (ordem que rege os seres), do *Carma* (reação das ações em vidas anteriores), da *Samsara* (ciclo de reencarnações) e do *Nirvana* (sair do *Samsara*, conseguido por uma vida ascética que desvaloriza os aspectos corpóreos e sensíveis do homem). É a partir do *Rig Veda* que o sânscrito arcaico, também chamado védico, se desenvolveu e será considerada a língua sagrada para a transmissão dos sutras (escrituras budistas), diferenciando-se do pali (jap. *pari* 巴利), língua do povo.

Assim, a literatura védica, exercerá grande influência no nascimento da literatura budista, pois foi, para a época de sua produção, uma grande fonte de conhecimento da mais profunda e antiga mitologia conhecida, além de sua “perfeição gramatical jamais superada pelas línguas que dela descenderam” Seus gramáticos descrevem os fonemas e as regras gramaticais do sânscrito como sendo nomes do Senhor Vishnu. A própria palavra “*veda*” significa “conhecimento” O simples ato de recitar seus versos é sagrado, pois seu som é sagrado e o sânscrito é a linguagem fundamental desses versos posteriormente denominados *mantras*, pela ligação intrínseca do seu valor fonético à prática esotérica para o “despertar espiritual” Essa situação, onde o valor sonoro, cantado ou recitado dos poemas extrai o seu valor metafísico de espiritualização daquele que pratica a recitação, é semelhante às outras escrituras sagradas. Não significa apenas uma valorização do som em detrimento do significado, mas da inseparabilidade dos dois e da valorização da caligrafia. Sendo assim, qualquer tentativa de tradução é sempre empobrecedora, o

1. Melo, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [sd], p. 85~103. Os outros ramos são: o hitita, o tocário, o grego, o italo-celta, o germânico, o báltico, o eslavo, o albanês e o armênio. Alguns historiadores acreditam numa civilização muito desenvolvida no vale dos rios Indo e do deserto do Rajastão há pelo menos 4500 anos. Porém, em algumas descrições dos movimentos celestes no Rig Veda, a datação pode pular para 15 a 20 mil a.C. Por volta de 2500 a.C. um dos povos mais desenvolvidos da antiguidade, hindu ou harappa, tinha cidades planejadas nos vales dos rios Indo e Ganges (Paquistão e norte da Índia), contava com uma estrutura urbana de rede de esgotos, sistema de fornecimento de água e casas de alvenaria e argila. Praticava intenso comércio com a Mesopotâmia e com os povos do Golfo Pérsico, fabricava diversos utensílios em cerâmica e ferramentas em bronze e cobre. Essa cultura floresceu por cerca de mil anos, mas foi devastada a partir do séc. XV a.C. quando os povos arianos invadiram a região e estabeleceram a cultura védica.

2. Os textos sagrados da Índia escritos em sânscrito contém hinos religiosos sacrificiais em linguagem aristocrática, orações e fórmulas mágicas. A língua dessas coletâneas é conhecida por sânscrito védico.

que já seria pelo simples fato da subjetividade, o que não impediu uma interpretação plástica através do estilo gráfico das próprias letras/palavras/ideogramas e das esculturas e pinturas budistas, sobretudo as que personificam os *mantras*, os Myôô.

As divindades budistas japonesas chamadas *myôô* (明王) surgiram da recitação dos *dharani* (陀羅尼)³ na escola Shingon (真言) introduzida no Japão por Kūkai (空海, 774~835) em 806. *Shingon-dharani* significa “Canção das Palavras Verdadeiras”. No budismo esotérico, versos místicos curtos são chamados de *mantra*, enquanto os longos de *dharani*. *Dharani*, em sânscrito, literalmente significa “sustentador (feminino)”, e sinônimo de *mantra*, e carrega a essência de um ensinamento. Seu poder mágico é explicado pela eficácia de seus sons e ritmos da Verdade Essencial do Universo. São palavras místicas em sílabas sânscritas e imbuídas de poder para proteger os praticantes do *Dharma* contra toda influência negativa. Foi a língua espiritual com a qual Buda expressou seu pensamento *nirvânico*, que não pode ser ouvido nem compreendido por ninguém, mesmo pelos aspirantes de alto nível. De acordo com o budismo esotérico, as explicações doutrinárias devem ser feitas em *Dharani*. Para compreendê-la, o interessado deve se transformar em pessoa igual grau de Buda.

O budismo tibetano enfatiza a recitação dos mantras, sendo às vezes chamado de budismo mantrayana, cujo mantra mais conhecido é o *Om Mani Padme Hum* (“Salve A Jóia de Lótus”). *Om* (ॐ) é a sílaba sagrada, sememe⁴ de todos os mantras. O som *a-u-m* seria o Único Eterno, em que passado, presente e futuro coexistem e o praticante realiza uma união abstrata com Deus e entre os objetos pessoais ou símbolos mais importantes do budismo: a flor de lótus (sânsc.: *padma*). A sílaba *OM* é idêntica ao EU. Em sânscrito, a vogal [o] é constitutivamente um ditongo composto de [a + u]; daí que *OM* possa também ser escrito *AUM*: *A* é o estado de vigília, *U* é o do sonho, *M* do sono profundo e “o quarto” é o silêncio⁵. Em japonês há o vocábulo *aum* (阿吽) que significa “inspiração e expiração”, a interpretação mais antiga que se tem notícia sobre a criação e extinção do universo. Enfim, os dois símbolos a seguir têm precisa relação:

3. Isto faz parte dos Três Mistérios das expressões divinas de Buda (corpo, língua e vontade). Quando Buda atingiu a “iluminação”, ele podia escolher entre passar para o Nirvana (“morrer para o mundo transitório”) com um super-conhecimento transcendental intraduzível (uma salvação pessoal) ou compartilhar seu conhecimento da forma mais didática possível com a humanidade para ajudá-la a se livrar do sofrimento. Então Buda resolveu ficar nesse mundo até a morte física natural.
4. Do inglês *sememe* (1913) é um termo usado em teorias semânticas para se referir à mínima unidade de significado que tem por correspondente formal o lexema, consistindo do feixe de semas que compõem o significado do vocábulo. Para alguns, um *sememe* é equivalente ao significado de morfema, e para outros, é um traço do significado, equivalente à noção de “componente semântico” ou “traço semântico” em algumas teorias. Determinam o seu sentido específico, a classe a que pertence e suas interpretações virtuais. A forma como as palavras brotam das *sememes* é remarcável. A raiz verbal é sempre uma única sílaba que contém os sons ou fonemas básicos, *a*, *i*, *u* e *r*. Quando da raiz verbal surge uma palavra, o fonema sofre *guna*, que é um princípio de transformação qualitativa, para mantê-la ressoando perfeitamente.
5. Zimmer, Henrich Robert. *Filosofias da Índia*. Compilado por Joseph Campbell. São Paulo: Palas Athena, 1986, pp. 271-2.

ॐ (do sânscrito) e 阿 (do japonês)

Por outro lado, os monges-artistas não acreditavam num “eu” real, mas historicamente, se aceitarmos que a sensibilidade artística nasce antes da exploração da consciência do “eu” e substancialmente ligada ao sentimento religioso, é natural pensar nessa arte como uma forma de religião e regrada pela mesma para a sua manifestação mais religiosa quanto mais e melhor realizada. Um exemplo marcante disto no budismo é a grande produção de imagens e as numerosas cópias de sutras como atos de devoção. No cristianismo, islamismo, judaísmo, a linguagem e a grafia também foram mais importantes em seu início, e mesmo com a mecanização da escrita, ainda são valorizadas.

Uma das imagens mais assustadoras e realizadas foi as dos Myôd, também introduzidas no Japão por Kûkai. *Dharani* foi transliterado para *Myô* (明) mais o sufixo de nobreza *ô* (王), resultando em *Myôô*. As estátuas Myôô têm uma aparência feroz que se diz voltada para os inimigos, mas aqui, os “inimigos” não são apenas as “forças malignas e sobrenaturais” do budismo. Eles também englobam os inimigos de um povo que adotou o budismo para a sua ideologia social, ou seja, os Myôô também protegiam a soberania aristocrática. A própria literatura védica não poderia impedir uma interpretação tendenciosamente “bélica e liderada por deuses e seus descendentes encarnados”, nada incomuns no início da história humana. Não podemos ignorar que, na expansão do budismo, também havia um interesse político para obter o apoio dos governantes locais, característica que se manteve da Coreia para o Japão. Os defensores do *mahayanismo* (jap.: *Daijôbukkyô*, 大乘仏教) frequentemente acentuavam o sobrenatural e os poderes mágicos que podiam ser alcançados não só com a fé em Buda, mas também com os *mantras*, objetivando a prosperidade e a longevidade dos soberanos, e não exclusivamente a salvação budista.

O sânscrito é chamado de *bongo* (梵語) na China e no Japão. É a língua que o deus criador do universo, Brahma (jap., Bonten, 梵天)⁶, fez e que foi transmitida para os arianos na Índia Antiga (*Tenjiku*, 天竺), e esta língua foi usada em toda a Índia, com uma crescente valorização intelectual e religiosa. É a linguagem dos documentos imperiais do príncipe Ashoka (263~226 a.C., do reino de Maurya⁷).

6. Esta crença na origem divina da palavra é comum na mitologia de vários povos. Na Grécia, a palavra deriva do deus grego Hermes, o tradutor da linguagem dos deuses para a linguagem humana.
7. Em 327 a.C., as tropas de Alexandre, O Grande, cruzaram o rio Indo no noroeste da Índia e tiveram um contato mais direto com os indianos descrito por autores em cerca de 300 a.C. As influências gregas e persas inspiram as idéias de Estado, império, administração de territórios e poder centralizado. Após a partida de Alexandre, muitas alianças geraram o Império Maurya. Por volta de 274 a.C., Ashoka se tornou imperador da dinastia Maurya e amparou o budismo elevado à categoria de religião oficial. Durante seu reinado, a região de Gandhara (hoje, noroeste do Paquistão e leste do Afeganistão), entre os séculos I a.C. e VII d.C., tinha se tornado cenário de intensa atividade de missionários budistas. As primeiras imagens de Buda no sudeste asiático apareceram por volta do século I, em esculturas e monumentos, mostrando as influências das etnias locais. “THE BIRTH of Buddhist Images” (“O Nascimento das Imagens Budistas”). *The East*, v. 23, n. 5, Tôkyô, novembro, 1987, pp.28-31. A dinastia Maurya entrou em declínio até perder o poder em 185 a.C. e a partir daí, várias dinastias ocuparam a Índia. A cultura hindu atingiu o seu auge a partir do séc.

Nos primeiros séculos d.C., houve um grande movimento de formas literárias na Índia, como o surgimento das epopéias *Mahabharata* (“O grande Livro dos Bharatas”⁸) e *Ramayana* compostas em sânscrito clássico. A produção de épicos históricos e coletânea de poemas legitimavam mitologicamente a aristocracia, fato que, portanto, não era original apenas das dinastias chinesas que, por sua vez, influenciaram a literatura japonesa. Cerca de 18 capítulos do *Mahabharata* se tornaram outra grande escritura sagrada chamada *Bhagavad Gita* (“A Canção do Senhor”). Através do sânscrito, a literatura clássica indiana transmitiu para o oriente, entre outras coisas, uma concepção de morte e a crença em guerreiros celestiais e deuses incrivelmente antigos como Agni, deus do fogo, Vayu, do vento. Indra, do Rig Veda, é modelo de guerreiro heróico e temível adversário, possuidor de uma jóia, *vajra*, lançadora de raios. Também temos os Asura, originariamente adversários dos deuses e o Garuda do *Ramayana*, um ser com cabeça e asas de águia e corpo humano, cujo bater das asas provoca o barulho de trovão. Esses exemplos demonstram a transmissão da força cultural da língua sânscrita sendo mantida através do tempo, de modo que podemos encontrar um Garuda ao lado dos Budas no Templo Sanjūsangendô (三十三間堂) em Kyôto, Japão.

Apesar de o budismo ir contra o sistema de castas, a admoestação de que cada um deve cumprir o seu *dharma* passa a ser relativamente importante na arte budista, pois no mahayanismo, os guerreiros védicos e muitos outros deuses vedas se convertem ao budismo como aspirantes e guerreiros protetores. Não há uma distinção clara entre inimigos religiosos e políticos. Os inimigos encarnados também são tomados como deuses, demônios e feiticeiros.

Enfim, a atividade guerreira não geraria *carma* negativo, pois não seria uma ação com desejos de auto-realização. Eles estariam cumprindo o *dharma* que implica a não-ação. A ideologia de classes guerreiras no Oriente não deverá somente ao confucionismo, mas também à interpretação do *dharma*.

O conhecimento na época de Buda

Os monges budistas logo adotaram o sânscrito como língua das escrituras, ou passaram a usar simultaneamente com o pali. Chama-se “budismo híbrido com o sânscrito” (*bukkyô konkô bongo*, 仏教混淆梵語). A presença do movimento budista fortaleceu certos padrões de uma linguagem secreta que mantém relações somente entre membros exclusivos do grupo especial que realiza as cerimônias secretas.

IV com a dinastia Gupta, que unificou o poder e diminuiu a influência do budismo. Nesse período, deuses e deusas ganharam formas humanas e iniciou-se a construção de grandes templos para abrigar as divindades. No início do séc. IV, a chegada dos hunos pôs fim à dinastia Gupta.

8 O *Mahabharata*, poema épico hindu, contém 200.000 linhas, ou seja, cinco vezes mais do que a Eneida, a Odisséia e a *Ilíada* reunidas, que como se sabe, não fazem parte da literatura védica, mas exemplifica a riqueza literária que o vedismo promoveu.

Contudo, não temos certeza da linguagem usada por Buda. Supõe-se que na época do Gautama (563~483 a.C.) da região de Magda, central da Índia, a linguagem que era usada e que se expandiu na classe dos comerciantes era pali. Como príncipe, de fato ele deve ter recebido uma instrução superior e, abandonando o palácio, não só era mais capacitado para receber oralmente os ensinamentos de outros ascetas como ter acesso aos textos védicos. Então, ele tornou isso público e transformou seus ensinamentos em conduta, não religião. Não obstante esse seu esforço anti-teológico, sua elevada instrução e sabedoria levou o povo leigo a imaginar que Buda transmitia uma mensagem subliminar em *mantras* que só os iniciados poderiam ouvir, dando aos seus ensinamentos um caráter tão metafísico e tão metalingüístico que já apontava para o Zen.

Do ponto de vista atual, o conhecimento pregado por Buda, de nenhum modo se trata de ocultismo, mas ele também não foi imediatamente escrito, e nem seriam muito úteis dessa forma, fato que “profissionalizou” os mestres e discípulos em transmitir tal conhecimento, oralmente ou através de outras linguagens artísticas. Essa característica é uma das causas de sua popularidade e expansão até os dias de hoje. Após a morte de Buda, os ensinamentos foram sistematicamente transmitidos oralmente pelos budistas. Essa transmissão oral tem uma importância histórica não só para a difusão do budismo como também para o desenvolvimento de uma literatura de caráter narrativo. Também como uma reação a uma literatura inacessível para a maioria, isso vai gerar uma cultura popular paralela à cultura aristocrática, rica em narrativas populares que fizeram surgir, no Japão, o gênero *setsuwa* (説話), como a coletânea *Konjaku Monogatari* (今昔物語) no final do século XII, rico em narrativas pré e pós budistas da Índia, China e Japão.

Quando o Budismo se dividiu em duas vertentes principais, Theravada e Mahayana, o pali foi adotado em escrituras do Theravada (jap. *Jōzabu-bukkyō* 上座部仏教) sendo o Tipitaka o seu Cânon pali, escrito por volta de 25 a.C. e se refere às três divisões da escritura: *vinaya* (disciplina), *sutta* (temas) e *abhidhamma* (ensinamentos). Os principais sutras Mahayana são o Tipitaka, o Sutra Diamante, o Sutra do Coração e o Sutra de Lótus.

Atualmente não há muitos documentos budistas em sânscrito misturado com a linguagem coloquial. Nos sutras *Hokke-kyō* (法華經) e *Fuyō-kyō* (普曜經), somente uma parte dos versos foi deixada em linguagem coloquial e também há momentos em que partes da prosa foram reescritas em sânscrito clássico. Esta ocorrência é chamada de dialeto *gāthā* (*geju-hōgen*, 偈頌方言), provavelmente porque a poesia é mais difícil de ser reescrita em sânscrito, restando exemplos que mostram a preocupação de uma classe social no modo de transcrição da linguagem coloquial para o sânscrito. Contudo, em breve, passaram a aparecer poetas budistas que publicaram obras literárias que foram tomadas como modelos do fazer poético da Índia em sânscrito genuíno. Já havia os poetas-santos, sobretudo mulheres que honravam o deus Krishna e seguiam os movimentos *Bakti* (yoga da devoção e não-

ação). Soma-se então, aos sutras e à literatura popular narrativa o nascimento de uma poesia contemplativa não só sobre o observado, mas da própria linguagem/escrita como parte da natureza contemplada. Certas palavras, como *mantras*, encabeçarão versos que preparam o estado emocional do leitor diante do objeto contemplado.

Durante os séculos IV e V d.C., o hinduísmo ressurgiu como uma religião dominante na Índia, depois de vencer os desafios do budismo, que vai até o séc. XII, e do jainismo⁹. Nesse mesmo período, o budismo mahayana está entrando no Japão. No mahayanismo, Buda é mais um dos numerosos Budas que estão presentemente ativos através do cosmos. Isto teve um efeito profundo sobre a arte budista, pois permitia e estimulava representações de Budas e divindades protetoras do budismo, assim como deuses secundários, incluindo guardiões da fé, extravasando a poderosa mitologia hindu e a devoção pela arte realizada com as próprias mãos ou financiada pela aristocracia. Pela Rota da Seda, por emissários e monges, essa concepção de arte chega ao Japão na forma de templos e símbolos visuais das imagens religiosas que, nas culturas em que poucas pessoas sabiam ler, sobretudo numa língua japonesa embrionária, símbolos ajudavam os leigos a se envolver na mensagem contida nesta arte. Enquanto isso, a transmissão oral continuava com temáticas que alimentavam as crenças populares em seres sobrenaturais, seus feitos e milagres sob a fé budista. Os símbolos dessas crenças formaram um padrão de representação chamado *shuji*.

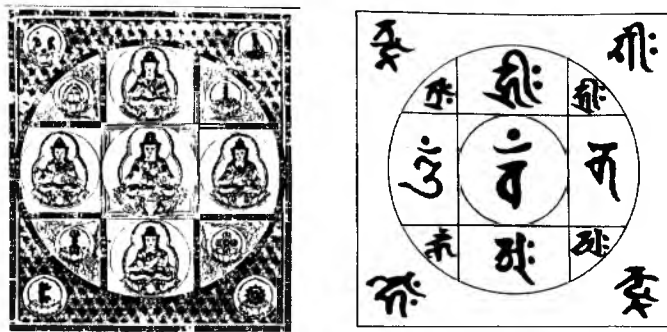
Shuji (種子) é a letra sânscrita que expressa com *uma letra* (1 *ji*, 字) o nome de cada Buda. Os tipos de letras que as estátuas budistas mostram foram originariamente escritos em sememes. Os *shuji*, no início de pequenas sentenças (*makoto*, 真言. “palavra pura”) do sânscrito, também expressam os votos (*seigan*, 誓願) de cada Buda, e são muitos os que são constituídos de uma letra final. No início havia um sememe para cada imagem. Posteriormente, um *shuji* se ligou a vários Budas, e há os Budas que possuem vários *shuji*.

As *shuji-mandaras* (種子曼荼羅) são as mandalas com *shuji*, ou seja, numa Mandala Budista podem estar desenhados apenas as letras sânscritas devido à relação convencionalizada. Na ilustração temos uma secção da *Kongôkai Mandara* (金剛界曼荼羅), à esquerda, e segundo o *shuji*, acima. Temos as divindades Dainichi Nyorai (大日如来) no centro, Kongôsatta (金剛薩埵) abaixo, Kongôhō (金剛宝) à esquerda, Kongôhō (金剛法) à direita e Kongôgyō (金剛業) acima.

Este *shuji*, tendo a capacidade de manifestação das forças de uma ou mais divindades, funciona não só como um *mantra*, mas também como um veículo determinante de um estado emocional, de um voto, de um verso, isto é, sua presença exclui ambigüidades, uma vez que os caracteres expressam valores, além de se utilizar de um estilo de letra para ser apreciado pela técnica e habilidade. Hoje os ideogramas são bem estilizados, mas é natural que os japoneses daquela época tenham visto

9 O jainismo, surgido na Índia entre os séculos VII e V a.C. também tem o seu sutra chamado *Kalpa* ou “Livro do Ritual”, que narra a vida de Mahavira, o 24º mestre jaina.

essas letras como novos ideogramas importados, mas especiais, que não cairiam no processo de “desmanche de símbolos” donde nasceram as escritas japonesas.



As letras sânscritas deviam manter a mesma multiplicidade de “forças” que interagiram com deuses nos primórdios da linguagem humana. Podemos levantar a hipótese de que os ideogramas foram valorizados pelo sânscrito. Os ideogramas, quando usados em poesia e pintura caligráfica (*shodô*, 書道), assumem inteiramente a sua natureza artística e revelam a habilidade do artista. O processo de identidade (do povo japonês e do próprio indivíduo) através da escrita e literatura se dá ao mesmo tempo em que os escultores de imagens budistas não são mais apenas monges anônimos que praticam uma espécie de “voto artístico”

O conhecimento pós-Buda

Quando o budismo entrou na China, lá já se acentuava a escrita pictográfica com mais de 4 mil anos e, por séculos, duas filosofias que marcaram profundamente a sociedade chinesa pela crença em um modelo de comportamento humano em que cada pessoa é virtuosa e que a grandeza moral é possível, respectivamente o confucionismo e o taoísmo. Quando a China traduziu os sutras escritos em sânscritos para o chinês, naturalmente usaram palavras que já existiam em seu léxico, mas em ideogramas, e baseado naquelas filosofias. A partir daqui, os ideogramas, então, também embutiriam a cultura sânscrita, e são esses os ideogramas que passariam para o japonês.

A qualidade e a quantidade de sutras traduzidos para o chinês deram um grande salto e durante cerca de mil anos, o empreendimento de tradução dos sutras continuou, resultando em uma incrível obra de tradução para o chinês.

As traduções do chinês para o japonês foram realizadas ao mesmo tempo em que nascia a língua japonesa, usando-se os ideogramas chineses com sua *leitura chinesa* ON (*on-yomi*, 音読み) e adaptando as palavras nativas japonesas aos ideogramas chineses, *leitura japonesa* KUN (*kun-yomi*, 訓読み). Porém,

relativo aos sutras, predominou a leitura ON e a tendência em tentar compreender os sutras com palavras próprias dos chineses passou a ocupar a corrente dominante. Um dos motivos não foi apenas a transmissão de conceitos filosóficos que os nativos japoneses nem sonhavam, mas também devido ao fato de se dar importância à transmissão das pronúncias originais dos *dharani*. No Japão, porém, devemos lembrar que a importação da escrita se dá antes da concretização ou conscientização escrita da religião nativa, o xintoísmo. Isso gerou uma peculiaridade histórica em que a “língua sagrada” para aquela crença ou praticamente não existe ou foi completamente possuída pela sociedade aristocrática que explorou sua formalidade e seus valores estéticos. A literatura inicial japonesa refletiu muito mais as crenças e valores nativos do que um cânone xintoísta que praticamente nunca existiu.

Outro fato de essencial importância na transmissão do budismo, além dos sistemas filosóficos sânscrito-chinês, foi a invenção do papel pelos chineses, e também a impressão xilográfica e por tipos móveis, esta normalmente tida como uma invenção ocidental¹⁰. Neste sentido, o sânscrito não teve a mesma sorte, pois era escrito em folhagens ou casca de kaba (樺, videiro, bétula) de shuro (棕櫚, uma espécie de palmeira, *trachycarpus excelsa*) que foi chamada de baiyô (貝葉). Nessas condições, muitos documentos se perderam devido ao clima quente e úmido do território indiano. Portanto, o seu resgate também se deve ao pioneirismo chinês, aliado à importância da erudição dentro do confucionismo e do budismo, e formaram uma rica fonte donde o Japão, aprendendo o chinês, sorverá em abundância. De qualquer modo, essa mecanização da escrita foi lenta e nunca subtraiu a importância dos manuscritos e sua caligrafia como atos de devoção e disciplina.

Apesar de usar os ideogramas chineses, o japonês não tem relação com o chinês (ramo sino-tibetano)¹¹. A sistemática criação de formas cursivas do *kanji* (*hiragana*) e formas de partes do *kanji* (*katakana*) para a leitura do chinês e criação de elementos gramaticais fez desenvolver a língua japonesa. Apesar dessa importação de ideogramas, a literatura japonesa, buscando sua identidade própria e reconhecendo o valor simbólico que os ideogramas carregam, criaram também seus *uta-makura* (歌枕, “travesseiro de poemas”) para gerar esperados estados de espírito no ouvinte. Este “valor simbólico” também se deve a um dos encontros culturais mais notáveis e pouco explorados da história, do budismo com o taoísmo.

Enquanto os seguidores do confucionismo retraduzem o ascetismo mendicante por um mais politicamente correto, o taoísmo explica a realidade que age sobre o indivíduo, complementando o budismo onde o observador da realidade

10. Uma pergunta interessante é “Por que a China não passou por uma Revolução Industrial, mesmo sendo a origem de muitas invenções séculos antes das que brilharam na Europa?”

11. O ramo sino-tibetano inclui os idiomas Chinês, Tibetano, Bhasa de Nepal e Birmanês. O japonês está incluído no ramo uralo-altaica, relativa aos Montes Urais, Rússia e aos Montes Altai, Ásia Central, mas não existe vestígio de nenhum tipo de escrita no Japão anterior à introdução da escrita chinesa.

tem um papel central na percepção da realidade, em outras palavras, se no budismo a realidade sensível é ilusória, o taoísmo afirma que toda matéria é pura energia manipulável pelo observador e nos atinge constantemente.

TAO significa “caminho” e já existia antes do universo. É o ancestral imutável de todas as coisas e a fonte original de todas as coisas, semelhante ao Brahman védico. A existência tem dois aspectos: *Yang*: ativo, masculino, claro, quente, positivo, leve e ligado ao céu e *Yin*: passivo, feminino, escuro, frio, negativo, pesado e ligado à terra. Os dois são representados pelo famoso símbolo circular com as cores preta e branca entrelaçadas, originalmente representada por dois dragões. Lao Tse via o TAO como a mãe do mundo (*shakti*), assim associando uma feminilidade provedora dos cinco elementos da natureza cujos encantos simbolizam imortalidade, a longevidade e a ordem espiritual presente na natureza.

As “forças femininas” já estavam presentes nos *Vedas*. A tríade divina védica (*trimurti*) é constituída por Brahma (criação), Vishnu (conservação) e Shiva (destruição), todos originários de Brahman, que não é um deus, mas a alma do universo e a essência da vida. Cada deus tem o seu aspecto feminino (*shakti*), respectivamente Sarasvati, Lakshmi e Parvati. Também se diz que foi Sarasvati quem criou o sânscrito. O hinduísmo tântrico, ramo do hinduísmo baseado em textos tântricos dos dravidianos, povo que coexistiu com os arianos, também enfatizam o *shakti*, origem de algumas deusas budistas. Pelo século II, o taoísmo se tornou mais sobrenatural, repleto de práticas místicas em busca da imortalidade e as crenças em diversos deuses e demônios do folclore chinês e num “paraíso dos imortais” (Peng-lai).¹²

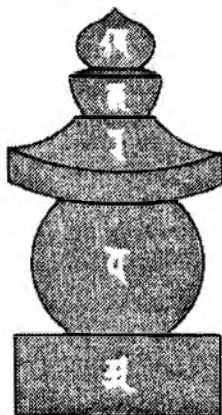
O budismo terá uma visão fantástica desses pares complementares dos aspectos de *yang* e *yin*. O positivo é carregado da presença divina, e o negativo, do que é proibido ao contato dos homens. A concepção de dois mundos paralelos e complementares é fundamental na Mandala de Dois Mundos do budismo esotérico japonês. Diante dos Budas e com uma mandala de cada lado, o crente se coloca entre os dois mundos: o da Realidade Suprema e o da Ilusão.

Seguir o TAO é seguir a própria natureza e isto é estar em harmonia. Sua influência parece ter realçado o caráter também influente do budismo esotérico sobre as crenças nativas, já que combina a idéia de uma divindade suprema com a fé em muitos deuses intermediários (神道, *shintô*, xintoísmo, “caminho dos deuses”), com os quais podemos nos comunicar por uma experiência mística.

Ao longo dos anos o taoísmo praticou experimentos alquímicos para extrair da natureza o segredo da vida. Embora muitos ensinamentos taoístas sejam articulados em enigmas, elas estimularam descobertas científicas na química e na medicina. O corpo é visto não só como um templo, mas também como um “triplo aquecedor” (cabeça, tórax e abdômen) e cada parte habitada por deuses que

12. O deus japonês Enmaten, Senhor do Inferno, é uma adaptação chinesa de um deus védico que ganhou acretismos do taoísmo no final da dinastia Tang (618-907) para o período da Cinco Dinastias (907-960), sendo por isso representado usando um manto taoísta.

produzem o elixir da vida para a paz interior e integração da personalidade¹³. No *Tao Te Ching*, o livro fundamental da filosofia taoísta, os ensinamentos supostamente escritos por Lao Tsé entre os séculos VI e V a.C., diziam que a inação (*bakti*) era o melhor modo de conseguir a paz.



Esse conceito foi uma das bases que permitiram a criação do Feng Shui. (水風, em jap. “Água e Vento”), da acupuntura e do yoga para induzir a energia (*chi* 氣) a se livrar de substâncias tóxicas do corpo e do ambiente. As imagens budistas incorporam a concepção dos pagodes de cinco anéis e expressam os cinco elementos que representam forças cósmicas oriundas da união *yin-yang*.

A tabela mostra a relação dos pagodes com os cinco elementos e as estátuas budistas.

Direção	Forma	Letra	Elemento	Cor	Parte da estátua
Sul 南	□ mostra uma existência em paz, sem nascimento ou morte	ア (a) 𠄎	Terra 地	Amarelo a luz	joelhos
Centro 中央	○ mostra um ser livre e uma vontade sem limites	ヴァ (va) 𠄎	Água 水	Branco origem de tudo	ventre
Leste 東	△ mostra uma força e vontade penetrantes	ラ (ra) 𠄎	Fogo 火	Vermelho veneração	peito
Norte 北	☺ mostra uma vontade que dá origem a todas as coisas	カ (ka) 𠄎	Ar 風	Preto nehan	cabeça
Oeste 西	◊ expressa a jóia <i>nyoi</i> que realiza todos os desejos	キャ (kya) 𠄎	Vazio 空	Azul domínio	alto da cabeça

13. O jainismo e hinduísmo tântrico vêem o cosmos como uma gigantesca figura humana, em cuja cabeça estão os 24 profetas, ou *thirthankaras*.

Na China e no Japão, a poesia e a pintura vão expressar essa experiência mística com a natureza, ou a presença de deuses nos sentidos físicos e no ambiente. A produção poética tinha uma relação direta com as crenças religiosas nativas e com a filosofia taoísta de contemplação, de meditação e de não-ação (*bakti*) associado a técnicas de cura holístico e higiene pessoal que visavam prolongar a vida. Essa disposição ao ascetismo e à reclusão impediria a distorção da nossa verdadeira percepção da realidade, a ilusão, que nos Vedas é a energia criativa dos deuses. Essa filosofia foi essencial na pintura de paisagens suaves (cachoeiras, vales e vazio), considerada símbolos de mutação e movimento constantes e também foi a ideologia literária dominante. Durante o período das Cinco Dinastias (906-960) e Song do Norte (960-1127) na China, enquanto alguns monges se retiravam espiritualmente para escrever, os pintores voltaram a sua atenção para os métodos de capturar a aparência das formas naturais, sob as quais jazia uma realidade imutável. Isso é essencial na escultura budista.

O Japão, sendo criado por divindades *kami*, desde o início delega aguda importância sagrada aos *tropos*¹⁴ Esta foi a “linguagem sagrada” do xintoísmo. Lugares famosos foram cantados pelos monges japoneses retirados como Saigyô (1118-1190) e Kamo-no Chômei (1156? ~1216).

Do budismo esotérico praticado por Kūkai aos ensinamentos zen-budistas de Dôgen (1200-1235), a sacralidade implícita dos *tropos* naturais convidava os adeptos religiosos a absorver o seu poder como ajuda à iluminação. Na cultura védica, o território ocupado era previamente transformado de “caos” em “cosmos”, em razão do rito, e recebe uma “forma” e se torna “real” (sistema simbólico = a realidade é simbólica e não a realidade). Na escultura budista, uma imagem é suficiente para transformar o lugar em cosmos. Enfim, quais são os nomes dessas estátuas e o que eles revelam?

Embora devamos nos convencer que muitos ideogramas foram usados apenas foneticamente para a transcrição de nomes budistas, podemos analisar alguns em que realmente houve uma preocupação em escolher os ideogramas certos. Será que eles já existiam ou foram criados especialmente para aqueles nomes? Devido às prováveis relações descritas acima, torna-se interessante não descartar tais hipóteses, sobretudo dentro dos sutras. Dada a infinidade de divindades budistas, limito-me aos dois exemplos mais comuns, os Budas Amida Nyorai e Dainichi Nyorai.

Amida Nyorai 阿弥陀如来 veio do sânsc. Amitāyus, Amitābha: 阿 (*a*) é “usado foneticamente” e também significa a “Unidade do Mundo” no budismo esotérico; 弥 (*mi*) e 陀 (*da*) são “usados foneticamente” O nome “Amida” foi

14. De acordo com a mitologia Xintoísta de século VIII em obras como *Kojiki* e *Nihon shoki*, Izanagi e Izanami estavam em uma Ponte Flutuante no Céu e investigavam o vazio abaixo com uma lança até tocarem a massa amorfa da matéria. Eles a sacudiram com uma lança e o que pingou de sua ponta se aglutinou em um lugar chamado Onogorojima. Subseqüentemente, ilhas foram nascendo pelo ritual de cópula ou emergiram de várias substâncias corporais das divindades. Por exemplo, os 5 deuses das montanhas surgiram quando Izanagi cortou o deus fogo Kagutsuchi em cinco pedaços.

traduzido para o chinês como *O-mi-to* com os caracteres 無量寿 que lemos em japonês como *Muryôju*, “Aquele que possui virtudes sem limites no espaço (無量: *muryô*, imensurável) e no tempo (寿: *ju*, longevidade)”

Dainichi Nyorai, nos sutras budistas iniciais, tem a sua origem no sânscrito Vairocana. Essa palavra, Vairocana, tem o significado de “brilhar radiantemente” No sutra *Kegon-kyô*, Dainichi é Rushana ou Birushana. No budismo esotérico, tendo desenvolvido ainda mais o Vairocana, Dainichi adquiriu o grau de nobreza dito Mahavairocana. Assim, Dainichi Nyorai (大日如来) vem do sânsc. Vairocana: 大 (*dai*): grande; 日 (*nichi*): dia, sol; Birushana (毘盧舍那) vem do sânsc. *Mahavairocana*: 毘 (*hi, bi*): de salvar ou claro, evidente; 盧 (*ro*): eremitério; 舍 (*sha*): casa, cabana; 那 (*na*): “usado foneticamente”. Para os dois temos 如来 Nyorai: (如, *nyo*) “como que” e (来, *rai*) “vindo”, “Aquele que vem”, que em sânscrito é *Tathagata*.

A idéia de Deus da cultura védica (*deva*) já se revelava solidária com a sacralidade celeste, isto é, com o paradigma de luz e “transcendência” (altura), e, por extensão da idéia de soberania e de longevidade. Usava-se Tian (天) na dinastia Zhou (1122~256 a.C.) encontrado nos oráculos escritas em cascas de tartaruga. Na Índia os *Tenbu* são *Deva*, do sânscrito e do pali. Literalmente significa “aquele que brilha”

No corpo da estátua de Budas da categoria Nyorai (livres da *Samsara*) há marcas com referências indiretas ou explícitas ao sânscrito. Uma das mais notáveis é o *byakugôsô* (白毫相), um sinal entre os olhos como um pêlo branco rodando para a direita. Esse sinal tem uma relação com o *manji*, símbolo transformado em suástica¹⁵. O termo alemão *swastica* vem do sânscrito *svastikah*, significando “ser afortunado” A raiz da palavra *svasti* pode ser dividida em *su* (*sv*), que significa “bom ou bem”, e *asti* (*astikah*), que significa “ser ou sendo” Esse símbolo foi muito usado no budismo, no jainismo e no hinduísmo e originariamente usado pelos arianos. No jainismo, os quatro braços da cruz representam os quatro possíveis reinos de renascimento: animal ou vegetal, inferno, terra e espiritual. No hinduísmo, a suástica, com os braços voltados para a esquerda, é chamada de *sauvastika* ou *sathio*, e simboliza a noite, a magia, a pureza, e os braços voltados para a direita, o sol, o dia, o masculino. Acredita-se que se baseia num cabelo espiral (*senmô*, 旋毛) do peito de Vishnu, do qual Buda seria uma encarnação ilusória. No budismo, este símbolo se chama *Manji* (万字) ou *Tokuji* (徳字) e significa “as dez mil virtudes do estado de Buda” por isso *man* (万, “dez mil”) e *ji* (字, “letra”) ou *toku* (徳, “virtude”). Este sinal é um dos mais comuns nas estátuas budistas e pode estar explicitamente no peito, ou indiretamente na forma dos pelos e do cabelo de Buda¹⁶. Símbolo semelhante pode ser encontrado

15. In “Buddhist Corner”. Disponível em www.onmarkproductions.com. Acesso em 2003; In EGAWA, Kiyoshi, AOKI, Takashi, HIRATA, Yoshio (comps.). *Kigô-no Jiten* (“Dicionário de Símbolos”). Tôkyô: Sansaidô, 1985, p. 238.

16. A suástica nazista, *hakenkreuz* (*hâkenkuroitsu*, ハーケンクロイツ) com os braços para a direita e o eixo inclinado em ×, difere do *manji* cujo eixo é em cruz +. Ainda, enquanto desenho de várias culturas, também é usada como um tipo de cruceixo (*jûjika*, 十字架).

nos 8 tambores do deus do trovão, Kaminari, e na energia Kundalini, uma serpente enrolada que permanece adormecida no *chakra* (centro de força) muladhara, no plexo nervoso sacral na base da coluna, e simboliza um reservatório de energia psíquica latente. Nos mapas, marcam os lugares dos templos budistas.



A passagem dos escritos budistas do sânscrito para o chinês foi realmente um encontro de escritas sofisticadas. Do chinês para o japonês, no mínimo, foi um desafio compreender a carga milenar de significação dos ideogramas a ponto de não haver outra maneira senão desmanchá-los e distingui-los, gerando um idioma próprio, mas sem ignorar valores implícitos, ou seja, embora os japoneses pudessem colocar todos os nomes próprios sânscritos em katakana, usaram os ideogramas, o que indica que valores muito antigos foram preservados. Sabe-se que há uma certa liberdade dos ideogramas em nomes próprios¹⁷, mas mesmo assim se procura o status do ideograma isoladamente. Portanto, seria displicente ignorar que, no caso dos nomes dos Budas, não pudesse ter ocorrido o mesmo. Se sim, qual seria o critério? Quais valores lingüísticos foram preservados até hoje graças ao esforço da literatura budista? Olhando para as imagens, isso é muito claro, e mesmo suas lendas nos remetem a um passado remotíssimo das crenças autóctones e dos mitos arianos e que compõem as diversas crenças que compõem o hinduísmo e a religião chinesa.

Bibliografia

“Buddhist Corner”. Disponível em www.onmarkproductions.com.

“THE BIRTH of Buddhist Images” (“O Nascimento das Imagens Budistas”). *The East*, v. 23, n. 5, Tôkyô, novembro, 1987, pp.28-31.

Bruce-Mitford, Miranda. **O Livro Ilustrado dos Símbolos**: o universo das imagens que representam as idéias e os fenômenos da realidade; (trad. Fernando Wizard e Maria Cão Rodrigues), São Paulo: Publifolha, 2002.

17. Para a leitura dos nomes próprios japoneses usa-se o auxílio de dicionários de nomes próprios. Um mesmo nome pode possuir ideogramas diferentes segundo o valor simbólico dos ideogramas escolhidos cuidadosamente pelos pais ao dar nomes aos filhos, já que esse valor poderá refletir na personalidade. É claro que a escolha de um nome, em qualquer língua, envolve valores culturais que gostaríamos de imprimir, sobretudo nos filhos, e até nos animais de estimação, mas o ideograma chinês ainda tem um requinte simbólico incomparável.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis**. Trad. David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

EGAWA, Kiyoshi, AOKI, Takashi, HIRATA, Yoshio (comps.). **Kigô-no Jiten** (“Dicionário de Símbolos”). Tôkyô: Sanseidô, 1985. 江川清 青木隆 平田嘉男 「記号の事典」 東京 三省堂 1985

Eliade, Mircea. **História das Crenças e das Idéias Religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, Tomo II, Vol. I, 1978.

HISTÓRIA das Religiões. Taoísmo, Confucionismo, Xintoísmo, Budismo, Hinduísmo, Ceticismo, Islamismo. São Paulo: Tempo Films. Duplicado e distribuído por Tape World Coml. Ltda., Planeta DeAgostini, Liberty International Entertainment Inc.

Martins, Roberto de Andrade. “A Crítica de Hegel à Filosofia da Índia”. **Textos SEAF** (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas). Regional do Paraná, ano 3, n. 4, 1983, pp. 58~116.

MASON, Penelope. **History of Japanese Art** (“História da Arte Japonesa”). New York: Harry N. Abrams, inc., Publishers, 1993, p. 56.

Sproviero, Mario Bruno. “Alguns Tópicos e Problemas de Tradução da Língua Chinesa” **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo: Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, n.5, 2006, pp. 37~58.

Wilkinson, Philip. **O Livro Ilustrado da Mitologia**: lendas e histórias fabulosas sobre grande heróis e deuses do mundo inteiro. Consultoria de Neil Philip; (trad. Beth Vieira), 2º. ed., São Paulo: Publifolha, 2002.

Wilkinson, Philip. **O Livro Ilustrado das Religiões**: o fascinante universo das crenças e doutrinas que acompanharam o homem através dos tempos; consultoria do departamento de teologia e Estudos Religiosos, Roehampton Institute, Londres; (trad. Margarida e Flávio Quintiliano), 1º. ed. São Paulo, 2000.

Zimmer, Henrich Robert. **Filosofias da Índia**. Compilado por Joseph Campbell. Trad. Nilton Almeida Silva, Cláudia Giovani Bozza e participação de Adriana Facchini de Césare; versão final de Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 1986.

Ilustrações

Egawa, Kiyoshi, Aoki, Takashi e Hirata, Yoshio (comp.). **Kigô-no Jiten** (“Dicionário de Símbolos”) Tôkyô: Sanseidô, 1985, p. 238. 江川清 青木隆 平田嘉男 (編者) 「記号の辞典」 東京 三省堂 1985 (ilustrações: pagode, shuji-mandara, manji)

日本が見える、日本が読める大辞典. **Visual Human Life. The** 日本. Tôkyô: Kodansha, 1986, pp. 860~864. (tabela explicativa do pagode).

